

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ-CEST
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**A VISÃO DOS EUROPEUS SOBRE A PROVÍNCIA DOS
MACHIFAROS- AISUARES DESCRITAS NAS CRÔNICAS DE
VIAGEM SÉCULO XVI-XVII.**

**TEFÉ/AM
2016**

DELVANI DA SILVA BARROSO

**A VISÃO DOS EUROPEUS SOBRE A PROVÍNCIA DOS
MACHIFAROS- AISUARES DESCRITAS NAS CRÔNICAS DE
VIAGEM SÉCULO XVI-XVII.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Estudos Superiores de Tefé - CEST-UEA, como requisito para a obtenção do título de graduação em História.

**Orientador prof. Msc. Luciano Everton
Costa Teles.**

**TEFÉ/AM
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

BARROSO. Delvani da Silva. **A VISÃO DOS EUROPEUS SOBRE A PROVÍNCIA DOS MACHIFAROS- AISUARES DESCRITAS NAS CRÔNICAS DE VIAGEM SÉCULO XVI-XVII.** Monografia de conclusão de graduação em História. Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Centro de Estudos Superiores de Tefé-CEST, 2016.

Palavras-chaves: crônicas dos viajantes europeus, província de Machifaro-Aisuari , etno-história.

DELVANI DA SILVA BARROSO

**A VISÃO DOS EUROPEUS SOBRE A PROVÍNCIA DOS
MACHIFAROS- AISUARES DESCRITAS NAS CRÔNICAS DE
VIAGEM SÉCULO XVI-XVII.**

Monografia aprovada pela Comissão Julgadora da
Universidade do Estado do Amazonas do Centro
de Estudos Superiores de Tefé, como pré-requisito
para obtenção do título de Graduação em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador Msc. Luciano Everton Costa Teles
(Universidade do Estado do Amazonas)

Membro: Prof. Msc. Yomarley Lopes Holanda
(Universidade do Estado do Amazonas)

Membro: Prof. Msc. Alcemir Arlijean Bezerra Teixeira
(Universidade do Estado do Amazonas)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, a minha mãe, Antonia Milene, meus filhos Débora, Fernando filho e João Pedro a meus irmãos e colegas que contribuíram na minha pesquisa e, especificamente a Protasio Lopes Pessoa a este devo muito que nem a gratidão poderá pagar tudo o que fez por mim e pela contribuição no andamento desta pesquisa, auxiliando com manuseio de documentos aos quais eu ainda não conhecia, ao prof. Luciano por ter aceitado me orientar para que fosse concluído este primeiro processo, a todos estes faço está dedicatória.

AGRADECIMENTOS

É com grande gratidão que tenho a todos os meus colegas de curso e os que contribuíram para o andamento desta pesquisa. Quero agradecer primeiramente a Deus por ter me dado forças quando muitas vezes pensei em desistir por ter me dado forças para suportar os obstáculos entre o estudo e questões pessoais do dia-a-dia. Faço questão em destacar os que viveram cada momento de alegria e angústias trazidas pelo simples fato de nossa existência: “a vida”. Meu muito obrigada por fazerem parte dessa minha caminhada acadêmica e que não ganhei simplesmente colegas e professores, ganhei companheiros para a vida que contribuíram cada um de uma forma específica para que prosseguisse e concluísse esta pesquisa. A vocês: Meus filhos e familiares, minha querida mãe Milene que sempre acreditou em minha capacidade de desafiar as divergências da vida, minha Irmã Cosma, Eralane e meus cunhados Istael e Israel, estes sempre me motivaram a continuar em frente quando muitas vezes pensei em desistir da pesquisa, a Romina e a mãe Rita. Enfim agradeço a todos que fizeram e fazem parte tanto na vida familiar quanto acadêmica.

Aos professores Yomarley Holanda, Alcemir Arlirjean, Tenner de Abreu por ter me cedido parte das referências.

Aos colegas Rosângela por torcer pela minha defesa. Neidimar por ter me cedido seu computador para realizar os últimos detalhes do segundo capítulo. A Zila por ter me motivado sempre, e a Dione e a Lidines que também compartilharam de momentos em que muitos simplesmente criticavam e, outros que não listei mais sempre estiveram do meu lado.

Em especial a meu orientador, Prof. Luciano Teles, pela paciência incomparável, sempre auxiliando na pesquisa.

RESUMO

A presente pesquisa tem como proposta compreender as visões dos europeus sobre a “província” de Machiparo-Aisuari descritas nas crônicas de viagens dos séculos XVI-XVII. Identificar as características sublinhadas pelas crônicas acerca desse grupo através de uma análise documental e bibliográfica, que foram selecionadas ao longo de seis anos. A utilização documental como as crônicas de Diogo Nunes, Gaspar de Carvajal e Cristóbal de Acuña foram minuciosamente digitalizadas e teve como base teórica fundamental as referências do professor Antônio Porro. Portanto esta se refere a uma pequena análise das visões dos europeus sobre os povos que habitaram o médio Solimões antes da colonização.

Palavras-chave: crônicas dos viajantes europeus, província de Machifaro-Aisuari , etno-história.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I.....	15
AS CRÔNICAS DOS VIAJANTES E A REGIÃO DOS AISUARES SÉCULO XVI – XVII.	15
1.1 CONTEXTUALIZANDO AS CRÔNICAS COM BASE NA LITERATURA SOBRE A AMAZÔNIA.....	20
1.2 AS CRÔNICAS DOS VIAJANTES E OS AISUARES.....	25
CAPÍTULO II.....	28
O MODO DE VIDA DOS AISUARES (TEFÉ) SÉCULO XVI.....	28
2.1. ORGANIZAÇÃO SOCIAL, AGRICULTURA E COMÉRCIO.....	30
2.1.1 ORGANIZAÇÃO SOCIAL.	30
2.1.2 AGRICULTURA E COMÉRCIO	32
2.2. CONSERVAÇÃO DE ALIMENTOS	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFEÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Em meados de 2011, juntamente com uma equipe de organização, estávamos a selecionar documentos que sistematizavam relatos de povos que habitavam o território amazonense, especificamente a região dos atuais municípios de Tefé e Coari. Em vista dessa possibilidade a referente pesquisa durou seis anos, até que fosse possível reconstruir a trajetória e os aspectos de vida dos povos da província de Machifaro-Aisuare. Com a colaboração de pessoas empenhadas para este objetivo, foi possível encontrar a partir das crônicas dos viajantes aspectos que caracterizasse este povo. A partir do ano de 2013, ao ingressar na Universidade, surgiram novas possibilidade de transformar um trabalho anterior em pesquisa acadêmica, justamente por ter respaldo teórico que puderam dar mais contribuição para o desenvolvimento de análise. Com base nessas hipóteses, a referida pesquisa tem o objetivo de caracterizar a região dos Machifaro e Aisuares no século XVI – XVII, segundo os viajantes europeus no início da colonização da Amazônia. As informações colhidas para está pesquisa foi baseada a partir de análise bibliográfica de obras, como por exemplo a do professor Antonio Porro, que fez um apanhado etno-histórico sobre as crônicas dos viajantes europeus por mais de um século pela Amazônia. Nesta perspectiva, vários autores foram selecionados para que fosse possível fazer uma contextualização as crônicas em relação a literatura que já conhecemos sobre a região amazônica.

O que conhecemos sobre a Amazônia até os dias atuais ainda é pouco para que se possa fazer análises mais abrangentes sobre os povos que ocupavam esta região, devido à falta de materiais e por haver fontes escritas em outras línguas torna este acesso muito mais difícil.

O pouco que sabemos dessas sociedades é que foi registrado pelos primeiros viajantes; as crônicas quinhentistas e seiscentistas, apesar de sua frustrante pobreza, deixam entrever uma população numerosa, assentada em grades povoados, com vida econômica, organização social e instituições políticas diferentes e, em muitos aspectos, mais desenvolvidas do que as dos povos da terra firme (PORRO, 1992, p. 8).

Além dessa argumentação feita por Antônio Porro, o que se conhece sobre a Amazônia são análises de autores e historiadores que conseguiram ter acesso a documentos como, por exemplo, as crônicas escritas por viajantes missionários e aventureiros a serviço de Portugal ou da Espanha. As crônicas que serão relatadas neste trabalho são apenas uma pequena porção de várias que existem e que não tivemos acesso, as que foram abordadas aqui serão somente do século XVI-XVII, visando abordar a região e localização da província dos Machifaros e Aisuare.

Entender como os povos da região amazônica eram vistos, especificamente a província dos Aisuare, descrita desde o contato até o período de colonização, além de mostrar as mudanças descritas sobre a mesma província com o passar dos anos e buscar evidências de uma população do passado, informações que esclareça as transformações desta província. Tentar desvendar os pontos negativos e positivos que os europeus deixaram ao entrarem em contato com a Província dos Aisuare o que causaram a este povo, que era visto como primitivos.

Ouvindo falar da história da região do Amazonas e pesquisando sobre a províncias dos Machifaros – Aisuare despertou-me a curiosidade de desvendar parte da região para tentar compreender sobre a existência desses povos. Novas perspectivas surgiram quando evidências deixavam mais claras sobre a existência dessa província na Amazônia, especificamente na região entre os municípios de Tefé e Coari. Durante anos ouviu-se falar sobre a importância desta localidade em relação a colonização da região, desde então buscamos referências que abordassem aspectos envolvendo o tema “A Província Machifaros – Aisuare”. Apesar de serem documentos pouco conhecidas e trabalhados, pudemos selecionar vários autores que descreveram alguns traços, essas referências auxiliaram na abordagem do meu tema de pesquisa. A partir do ano 2013 o contato com a bibliografia referente a história da Amazônia foi bem mais significativo. Antes mesmo de ingressar na universidade, já havia tido contato com muitas informações a respeito.

Esta pesquisa tem relevância social por fazer parte do contexto histórico da Amazônia com base nas crônicas dos viajantes europeus desde o início da colonização desta região, materiais, como os registros dos cronistas, foram rigorosamente selecionados por se tratar de um tema que ainda é pouco abordado no ambiente acadêmico. Para estudar o processo de ocupação dessa região, foi necessário um diálogo inter-disciplinar com a Arqueologia, Antropologia, a

Linguística e, etno-história, estas disciplinas é que vão explicar o processo de como surgiu a Amazônia através da utilização de outras fontes. Antes do contato do colonizador não havia registro da história dos povos desta região, isso foi possível com o auxílio das disciplinas citadas acima.

De acordo com as discussões levantadas sobre o tema, foi possível desenvolver a pesquisa em dois capítulos cada um compondo dois tópicos que discutem a partir da análise as crônicas as visões dos europeus sobre a província Machiparo-Aisuaris.

O primeiro capítulo vem discutir a geografia descrita nas crônicas sobre a região dos Aisuares no século XVI e XVII. Dividido em tópicos o primeiro vem trazer uma discussão contextualizando as crônicas com base na literatura sobre a Amazônia, neste contexto entraram em cena as discussões da origem da literatura brasileira, a partir das cartas, relatos, diários e as crônicas descritas desde o início da colonização, não somente da Amazônia, como também no território do atual Brasil. São destacadas as cartas de Caminha, Gandavo e Anchieta, quando relatavam sobre a Província de Santa Cruz; Auricleia Neves também argumenta sobre a Literatura a partir dos relatos europeus, juntamente com Neide Gondim, Renan Pinto para discutir sobre o desenvolvimento da história das ideias, em meio a essa conjuntura vivenciadas pelos europeus. No segundo e último tópico do primeiro capítulo, foi abordado as informações das crônicas do encontro com os Aisuares, para esse dialogo entrou em questionamento as informações dos cronistas juntamente com as análise dos autores Antonio Porro, Eduardo Neves e Renan Pinto que analisaram em alguns momentos as características propostas nas crônicas sobre estes povos da Provincia de Machifaro.

No segundo capítulo foram abordadas questões específicas sobre a província de Machifaro-Aisuares, discutindo a partir das informações o modo de vida dos Aisuares. No primeiro tópico é abordado questões sobre a organização social. No segundo tópico o desenvolvimento da agricultura e as relações de comércio inter-étnico. E no último tópico é discutido o hábito de conservação de alimentos desse povo que é claramente relatado nas crônicas dos viajantes com também são analisados pelos autores referenciados no desenvolvimento desta pesquisa.

A pesquisa é documental e revisão Historiográfica. Foram utilizadas as referências de autores que abordam aspectos em comum ao tema, para isso foram

feitas citações que identifique as ideias defendidas por cada um desses autores referenciados.

O primeiro autor abordado foi Antônio Porro e as análises das crônicas do Rio Amazonas, que foi utilizado como base para a realização desta pesquisa e também como referência teórica do tema pesquisado. Desde então foi necessário a utilização de pesquisas de outros autores para dar suporte e tornar este trabalho possível de ser realizado. Somente com a seleção de todos esses elencos de pesquisadores é que se tornou mais acessível fazer o que a pesquisa mapeava abordar.

Este livro quer colocar ao alcance do leitor brasileiro uma série de crônicas históricas pouco conhecidas que tratam dos antigos habitantes do rio Amazonas. [...], elas foram escritas por viajantes e missionários espanhóis ou a serviço da Espanha nos séculos XVI e XVII, época em que este país disputava com Portugal a posse da Amazônia. São fontes importantes para o conhecimento da história e da cultura dos povos indígenas que habitavam as margens do rio Amazonas no começo do período colonial. Sabe-se pouco sobre esses povos porque pouco se escreveu sobre eles enquanto existiam, e já em meados do século XVIII haviam praticamente desaparecido (PORRO, 1992, p. 7).

Como diz Porro, estas são as únicas fontes que se podem encontrar aspectos sobre os antigos habitantes que se fixaram na região amazônica. As primeiras discussões de pesquisas sobre a Amazônia foram realizadas através de vestígios encontrados com auxílio da Arqueologia que analisa o que foi deixado pelo homem e atualmente essas pesquisas servem de suporte para a história, mas que deve se ter cuidado por serem pesquisas que se tornaram mais descritivas do contexto histórico, tornando-os complexos em relação as distinções étnicas e variações linguísticas da região.

A Bacia Amazônica é a região brasileira onde a arqueologia foi mais bem sucedida no estabelecimento de problemas de pesquisa significativos. Tal quadro deve-se ao fato de que há, na Amazônia, uma tradição de meio século de pesquisas orientadas a partir de questões antropológicas gerais que demandam tratamentos arqueológicos e etnográficos (NEVES, 1999-2000, p. 87).

Este tipo de pesquisa ocorreu por muitos anos e é o suporte de suas análises que serve de base metodológica para as argumentações históricas. Os vestígios encontrados são importantes pois informam sobre a vida dos povos da região amazônica.

A vida dos povos da Amazônia surpreendia os europeus, não somente o fato de serem grupos distintos, como as características encontradas em cada local por onde passaram. Não é de se estranhar as surpresas descritas com tanto entusiasmo, quando se tratava dos objetos fabricados manualmente pelos índios e até mesmo a hipótese da existência de ouro na região, este é o fato com que fez despertar olhares para a Amazônia.

Cabe destacar que primeiramente foram feitas às seleções de fontes históricas, digitalizações e transcrições dos relatos que neste caso foram secundárias a partir das análises de Porro e Neves. No período de dois anos, foram feitas leituras, em seguida novas leituras para destacar aspectos sobre o tema abordado. Depois deste processo houve momentos em que foi feita uma análise sobre “A Província dos Machifaros-Aisuare” de 1538 a 1696, descritas nas crônicas dos viajantes europeus.

Para tentar compreender esta abordagem foram feitas análises documentais e bibliográficas, especificamente das crônicas dos viajantes europeus, que só foi possível graças a um trabalho externo antes do ingresso acadêmico.

Posteriormente foram feitas comparações das informações encontradas nas crônicas com as análises do professor Antonio Porro que publicou pela primeira vez em língua portuguesa “as crônicas do rio Amazonas”. Através desta análise foi possível detectar alguns processos e mudanças pela qual passou esta Província nos anos 1538-1696.

CAPÍTULO I

AS CRÔNICAS DOS VIAJANTES E A REGIÃO DOS AISUARES SÉCULO XVI – XVII.

Consoante Neves (1999/2000, p. 87) a Amazônia nem sempre foi objeto de pesquisa devido as barreiras encontradas sobre a questão documental, por mais que se tivesse a intenção de pesquisá-la sempre houve limitações que impedisse o andamento de uma análise mais profunda. Sendo assim as primeiras pesquisas sobre a Amazônia se deram a partir de questões antropológicas e etnográficas. Os debates teóricos sobre a arqueologia amazônica eram baseados em poucos dados arqueológicos, calcando-se em dados etnográficos, etno-históricos e ecológicos, principalmente, além de analogias com outras regiões do globo. Em virtude da quantidade de vestígios que se encontram na Amazônia, a arqueologia feita nela se diferenciou, daquela que se fazia no restante do país. (Neves, 1999).

Recentemente novas pesquisas apresentam informações sobre a região Amazônica até então pouco conhecidas, tornando possível a análise de documentos como as crônicas dos viajantes europeus. Através destas fontes podem-se encontrar aspectos de povos que habitavam a margem do rio Amazonas e Solimões nos séculos XVI-XVII, quando se deu início do contato e a colonização. Sendo assim a Amazônia foi explorada e quase todos os seus povos, pouco a pouco foram desaparecendo. Os próprios europeus colocaram a Amazônia a margem de seu mundo, transformando sua cultura, seus hábitos, seu meio social, o círculo econômico e sua organização política que foram deixados de lado, construíram-se, uma história através de testemunhos e descrições baseadas nas ideias daqueles que viveram nestes períodos, muitas vezes influenciados pelo próprio estranhamento de um mundo que ainda não conheciam seus projetos de colonização, que eram baseados apenas na intenção de obter o poder sobre áreas mais extensas, por isso a história dos povos da Amazônia ficou conhecida apenas por seus colonizadores. Só a partir do século XIX que aumentou o interesse para o conhecimento desta, e através das pesquisas vem sendo quebrado alguns preconceitos construídos sobre os povos que viveram nesse período.

Para alguns autores esta ideias sobre Amazônia gerou inúmeras versões de que na região havia somente as grandes florestas intocadas e assustadoras aos

olhos dos que ainda não as conheciam. “A Amazônia foi sempre o imenso deserto ou inferno verde mágico e assustador, território de místicas riquezas e perigos desconhecidos. A ocupação e povoamento europeu foram conseguidos a um custo elevado e trágico” (SANTOS, 2002, p. 8).

Esta é uma ideia das que se tinha sobre a Amazônia quando pouco se sabia sobre as suas especificidades. Mentalidades e visões de um imaginário criado para dar sentido ao mundo até então desconhecido. Dessa forma, foram sendo construídas visões e muitas versões sobre a região, mas ao mesmo tempo, essas informações criadas foram dando vida a história de povos recém-descobertos, sua forma de viver em meio a essa grandiosa floresta, que assustavam os colonizadores. Mas pelo que tudo indica foram as populações indígenas que sofreram as mais diversas transformações causando a extinção de quase toda a população e o desaparecimento de suas culturas. Restaram apenas semelhanças de seus traços fragmentados:

Todavia, se não se pode ter certeza sobre os números, pode-se tê-la sobre o fato que a ocupação da terra pelo colonizador, quando não o extermínio físico da população indígena, fez desaparecer sociedades e as culturas indígenas. Na Amazônia isto começou no século XVI e ainda não terminou (PORRO, 1992, p. 8).

Neste período, havia na Amazônia povos denominados de “Províncias” que foram relatadas nas crônicas dos viajantes europeus. Esses povos se adaptavam ao meio geográfico da região, considerando as diversidades que o ambiente lhes oferecia, suas moradias eram sempre em locais próximos aos rios para facilitar seu acesso aos alimentos, trazidos pelos próprios rios que facilitavam sua permanência por mais tempo ao local. Mas haviam povos que habitavam a terra firme e mantinham relação com os povos da várzea principalmente com o objetivo de trocas comerciais entre os povos. Em todo esse contexto será discutido essas relações e vínculos de comércio, pois esses aspectos são encontrados nas crônicas por isso são de tão grande importância para esta fundamentação. Sobre isso salientou Porro:

Isto explica a alta concentração demográfica, o povoamento contínuo e as grandes dimensões das aldeias indígenas observadas pelos primeiros viajantes, em oposição ao povoamento disperso típico das populações da terra firme (1995, p. 41).

Para que a sobrevivência desses povos se tornassem mais longa, haviam a necessidade de adaptação destes com o meio ambiente natural da Amazônia, isto lhes davam mais possibilidades para viverem na florestas, condições estas que os europeus não tinham, por isso houve a utilização dos conhecimentos geográficos da região a partir dos índios.

As crônicas são fontes carregadas de informações até então pouco conhecidas, até mesmo pelo fato de estarem em língua estrangeira as tornam menos acessíveis aos leitores. Elas foram escritas por viajantes e missionários espanhóis, sempre a serviços de seus superiores, no século XVI-XVII. Nesta época a posse deste território estava em disputa entre Portugal e Espanha. Por isto estas fontes são de extrema importância para o conhecimento da área neste período, para que se possa através destas conhecer a história e a cultura dos povos indígenas que se encontravam na Amazônia.

Estes relatos nos revelam a forma de organização da época por isso a uma grande importância e interesse em relação a estes documentos. São através deles que podemos encontrar traços da cultura indígena na Amazônia e conhecer como viviam, saber sobre sua religião e mitos, abstrair algo sobre a relação entre um povo e outro e, principalmente, de que forma agiam na questão de comércio, levando em consideração que estes relatos não eram para construir algo sobre a história destes povos e sim para o conhecimento da área que visavam tomar posse.

Por muitos anos a região amazônica serviu de palco de encontros e conflitos, misturas entre culturas, etnias e transformações de hábitos e costumes. Tudo por um único objetivo: a conquista do território. Disputas entre poderes dominantes que visavam abranger maior parte de áreas sob seus domínios, procuravam conquistar colocando em prática o trabalho missionário na frente de um objetivo mais audacioso que era obter alianças com os povos nativos. Para isso seria necessário conhecer primeiramente suas línguas e suas culturas para facilitar a colonização europeia. Mas com relação às crônicas, aponta Neves:

Para melhor compreensão dessas obras, buscamos contextualizá-las no tempo e no espaço de sua produção, investigar as circunstâncias históricas para sua elaboração e acrescentar um estudo analítico sobre aspectos do discurso de seus autores, além de incluí-las no grupo de textos fundadores da literatura de expressão amazônica, bem como entre a literatura e outros campos do saber (2011, p. 13-14).

Neste contexto é que devemos abordar a questão das crônicas dos viajantes. No século XVI foi onde começou a exploração do território, para daí em diante dar-se início a colonização. Foram anos que ficaram registrados em relatos e crônicas, a cada ano. Essas passagens serviram para a contextualização dessa natureza, que atualmente são assuntos bem discutidos e passaram a ser o centro de interesses em questão de produções dissertativas (NEVES, 2011, p. 15).

Segundo Neves (2011, p. 15-16) a historiografia literária ao qual foi compreendido o contexto amazônico no início de colonização foi influenciada por autores do Ocidente que usavam as viagens de personagens da época para comparar com as viagens ocorridas na Amazônia, por ser um grande mistério para os europeus. Sua história foi construída através de suposições e imaginários muitas vezes comparados aos mitos gregos e heroicos conhecidos pelos europeus. Porém, estão surgindo inúmeros interesses que buscam abordar questões relacionadas às viagens ocorridas na Amazônia, nos respectivos séculos, onde foi considerado por muitos autores o ponto de partida para a construção da história do território amazonense.

Várias fontes podem servir como registros significativos, não somente as crônicas, como também documentos religiosos da época já que a concretização da colonização dependia muito das atividades desenvolvidas pelos missionários Jesuítas e Carmelitas. Estes tiveram mais participação na emancipação da colonização juntos aos povos indígenas a serviços do rei tanto de Portugal quanto da Espanha. Assim diz Neves: “viajar, registrar e rememorar os acontecimentos da viagem faz parte da vida do homem e de sua história” (2011, p. 21).

Então o que dizer de um povo que não conhecia esse tipo de registro ao qual conhecemos atualmente? De alguma forma deixaram sua história e passamos a conhecer a partir de pesquisas que não se apoiam apenas em matérias referentes à escrita, mas sim a todo e qualquer objeto que identifique a existência de um povo em um determinado local. Daí parte a pesquisa arqueológica, sobretudo e, em meio aos vestígios encontrados, tenta avançar a cada ano sobre explicações que deixam claro a existência dos povos a milhares de anos na Amazônia antes do contato com os europeus. Para entender geograficamente a região onde se localizavam “os povos Aisuare” foram selecionados os relatos das crônicas como fontes de análises e autores que irão fundamentar esta abordagem. Estes povos se concentravam

especificamente as margens do Rio Solimões, de um lado a outro, segundos os relatos das crônicas de viagens européias.

No século XVI, a província de Machifaro (ou Machiparo) estava situada na margem direita do Solimões, num território que começava acima da boca do rio Tefé e se estendia até próximo ao rio Coari, numa extensão territorial de cerca de 200 quilômetros (SANTOS, 2010, p.26).

Segundo o autor estas informações foram relatadas na crônica do Frei Caspar de Cavajal. Este cronista foi o relator da expedição comandada pelo capitão Francisco Orellana em 1542. Muitas dessas notícias foram questionadas por motivos de haverem descrições consideradas fantasiosas sobre a região, mas que contribuiu para que se pudesse compreender a área geograficamente, sendo este, aspecto melhor detalhado em todo o percurso da expedição. Nesta mesma localização em outro relato foi encontrado a Província de Aisuari, que se expandi por esta região ate final do século XVII. Segundo o relato de Cristobal de Acuña de 1639, este povo se estendia cerca de vinte e oito léguas (SANTOS, 2010, p.27). Sempre dando uma sequência de povoados, posteriormente estes povos foram atraídos pelas missões jesuíticas. Apesar de serem a mesma etnia tiveram modificações no seu “etnônimo”, deste que foi registrado como Machifaro ate sua denominação Aisuari. Isto ocorreu devido serem relatados em suas características por expedições distintas, o que nos dar a entender ser o mesmo povo:

Os habitantes da Provincia de Machifaro passaram a ser conhecidos por Curuzirari, depois por Carapuna ou ainda Aisuari. A mudança de etnônimo deve-se aos registros dos cronistas do século XVII... Cristobal de Acuña, em 1639, Mauricio de Heriarte, em 1662, Laureano de La Cruz, em 1651 e Samuel Fritz, entre 1686-1723. O etnônimo Aisuari foi que se fixou historicamente (SANTOS, 2010, p.27).

Com base nas informações a etnia passou por mudanças referentes a sua identificação e em outros aspectos em relação a sua cultura, hábitos e costumes. As poucas descrições sobre estes povos podem ser discutidas a partir de fragmentos registrados que os identificam nos seus diversos momentos de contato com os europeus. Isto ocorreu por mais de um século, sendo que não somente este povo específico, mas todos os que habitavam a Amazônia, sofreram mudanças e transformações radicalizando suas existências, tornando-os em total processo de extinção. Porém, outras regiões passaram por processos de mudanças de

etnonimos até serem conhecidos com os nomes que tem atualmente. As informações referentes à transição de etnonimos são praticamente desconhecidas pelos povos da Amazônia. Essas informações estão espalhadas e são de pouco acesso a sua existência, o que nos remete a análises com utilização, as publicações que tem essas abordagens.

1.1 CONTEXTUALIZANDO AS CRÔNICAS COM BASE NA LITERATURA SOBRE A AMAZÔNIA.

Desde o início da conquista territorial brasileira, houve tendência de relatar os acontecimentos ocorridos nas regiões. A própria região do atual Brasil era chamada de Província de Santa Cruz e sua história começou a ser relatada através da literatura jesuítica que procurava manter o governo português sempre informado dos acontecimentos das novas áreas conquistadas. Por este fato é que será feito a contextualização das crônicas com base na literatura a começar pelos relatos descritos da atual região brasileira, que vem nos propor um período sobre a literatura e, posteriormente, as regiões da Amazônia que foram relatadas praticamente com os mesmos interesses, manter o Rei de Portugal informado sobre os acontecimentos das expedições ocorridas na região. Considerando fontes indispensáveis, relatos e cartas que escreveram os jesuítas que são tratados em estudos como a origem da literatura brasileira no século XVI, relatos de viajantes, missionários e aventureiros que incursionaram por todas as áreas que pertence atualmente ao Brasil, e que fazem parte desta região a Amazônia, uma das mais cobiçadas pelo reino português e espanhol durante séculos de disputas e acordos.

As expedições, financiadas pelo rei de Portugal, tinham a finalidade de fazer o reconhecimento da nova terra conquistada, descrevendo-lhe as peculiaridades geográficas e, principalmente, as possibilidades econômicas. Desse processo resultou um conjunto de documentos descritivos sobre os primórdios do Brasil, escritos com a finalidade de informar a Coroa Portuguesa (CAMINHA, 2010, p.07).

Sendo de interesse do governo português, todas as informações que fossem possíveis enviarem-lhes eram necessárias para que medidas pudessem ser feitas a respeito dos fatos decorrentes nas províncias. Os conteúdos desses documentos são consideradas como literatura de informação, “tiveram importante papel nesse

processo os missionários jesuítas que, a partir de 1549, quando chegaram ao Brasil, dedicaram-se à catequese dos índios e a formação moral dos colonos europeus” (CAMINHA, 2010, p. 8). Neste contexto, essas informações são tratadas como literatura dos viajantes e literatura de informação, por se tratar de relatos que descreviam as características das regiões de interesses da coroa.

Em relação às informações sobre a Amazônia, há diversas perspectivas em relação às ideias que foram escritas no momento de tensão e encontros entre culturas e civilizações distintas que ficou marcada no contexto da história desses povos. E foram essas divergências que influenciaram a construção de ideias, não todas, mais a maior parte de tudo que ocorreu e ficou escrita em relatos e crônicas dos viajantes. Por não haver nenhum documento escrito pelos povos da região, estes relatos são os que nos reportam há um conhecimento de aproximação do modo de vida das civilizações antigas do território Amazônico.

No contexto histórico vem sendo discutido o surgimento literário brasileiro a partir dos relatos através de documentos carregados de informações das áreas onde estavam estabilizados os missionários, e em momentos de passagens por locais de interesses de disputas do governo, como medida de garantir posse dessas regiões. A literatura é considerada em primeiro momento de informação, no início da colonização do território brasileiro e posteriormente as áreas da Amazônia que foi sendo explorada no mesmo período, informações expostas em documentos que descreviam o espanto de encontro com o mundo desconhecido e fascinante, que foi representado como o “Paraíso perdido”, em outras abordagens é visto como o “Inferno Verde”:

Os textos do período foram escritos com o objetivo de informar a Coroa Portuguesa sobre as potencialidades econômicas da nova terra. Não havia, da parte dos cronistas, uma intenção estética, mas apenas o objetivo de registrar dados e informações. (CAMINHA, Et. al, 2010, p. 10-11).

As cartas enviadas para informar sobre o achamento de um mundo novo contendo informações peculiares, que descreve os conceitos de valores do europeus e dos povos encontrados, é um documentos a ser considerado um relato literário. Um exemplo desse tipo e a carta de Caminha dirigida ao rei de Portugal no descobrimento do território brasileiro: “Caminha era o escrivão da expedição de Cabral e, portanto, responsável pela elaboração da crônica da viagem” (CAMINHA,

2010, p. 11). Os relatos que descrevem as especificidades da Amazônia estão relacionados ao mesmo contexto de informações.

Cada crônica e relato foram escritos em momentos e situações distintas, tendo suas especificidades e mentalidades marcadas nas escritas essas ideias dos exploradores, vivendo momentos de encontros e confrontos a cada passe dado a um caminho desconhecido. Mesmo com partes escritas baseadas em comparações do que esses viajantes já conheciam em seu mundo, pode-se perceber a estrutura de organização desses povos, pois quase todos que escreveram apresentam semelhanças em relação a alguns aspectos, como a organização política das sociedades indígenas, as guerras entre os povos o vínculo de comércio entre os povos, da várzea e os da terra firme, além de descrições claras de confrontos dos povos da região contra os colonizadores.

Por mais que haja em cada relato variações em sua escrita, há um peso forte sobre a cultura européia, mais é através dessa imaginação que se pode perceber a participação dos povos como agentes da história e assim desconstruir os pensamentos de que foram passivos e não ativos, pondo em consideração “tudo” o que foi percebido pelos colonizadores. Tanto que alguns ficaram profundamente admirados com o modo e as condições em que viviam estes povos, muitos descreveram a grande fartura de alimentos e a exuberante beleza da natureza, o comportamento de cada povo que os encontraram, alguns encontros não foram bem aceitos causando confrontos violentos que exterminaram partes desses povos. São essas informações que fazem com que surja o aumento e interesse de análises do tipo de documentação como as crônicas, pois é delas que podem-se obter melhores informações dos povos até mesmo pelas suas divergências na escrita:

Trata-se do desaparecimento das nações que viviam ao longo do Rio Amazonas e da sua substituição por novos contingentes indígenas que forma sendo descido dos afluentes para a calha amazônica pelos agentes da colonização. Desaparecimento, em sentido étnico, é o termo adequado, e ver-se-á adiante de que forma ele se deu (PORRO, 1992, p. 37).

Foram as diversas formas de colonização que causaram o desaparecimento de muitos povos étnicos da região amazônica, desde o início da colonização, e, para muitos autores, este processo ainda não terminou. Neste período de colonização, como já foi dito, houve o contato com diversos povos e, entre estes, estava à

província de Machifaro ou Aiusuari, entre outras que foram citadas nas crônicas dos viajantes.

A citação abaixo trata da expedição de Pedro de Ursua e Aguirre quando estava a procura dos Omágua e do El Dorado. Segundo as análises, esta crônica contém informações mais específicas sobre estas províncias:

A expedição, descendo o Huallaga e o Marañón, alcançou o Amazonas; a primeira parte das narrativas, referente as Província de Carari (Omágua) e Machiparo (Aisuari), é tanto ou mais rica em notícias geográficas e etnográficas do que a crônica de Carvajal (PORRO, 1992, p. 24).

Cada autor tem um posicionamento em relação às análises das crônicas, fazendo críticas sobre certas questões, principalmente em se tratando da forte influencia do imaginário europeu que permeiam a maior parte dessas documentações escrita. Muitos procuram os aspectos mais evidentes que muitas vezes parecem mais uma fantasiosa história que foi inventada, mais que na, verdade, podem-se abstrair muitos elementos delas dependendo do tipo de objeto que se deseja pesquisar.

A mensagem dos livros de viagens é uma mensagem de tipo informativo: além disso, por muito que queiramos buscar intencionalidades estéticas, os emissores da maioria destes discursos estão longe de prender cumprir uma função expressiva ou emocional. Os monges, os comerciantes, os conquistadores ou simplesmente os aventureiros que deixavam constância de sua viagem. Os que contavam suas façanhas perseguiram fins religiosos, econômicos ou de expansão política. (NEVES, 2011, p. 24).

Decorrer desta pesquisa foi discutido como vem propor a autora, essas questões que eram por muitas vezes o interesse dos europeus em relação ao território amazônico. Estas questões são bem mais compreendidas nos dias atuais, ao perceber que estes povos ficaram restritos ao contexto histórico sem muitos questionamentos voltados as suas existências, e como falar da história da Amazônia sem estes povos? Muitos autores trazem essas discussões para que se possa compreender, que a Amazônia não seria o que conhecemos se não houvesse a participação desses povos.

a visão inaugural da Amazônia oferecida pelos cronistas viajantes vai fundamentar, enquanto matéria-prima, as deduções teóricas e, inversamente, estas servem de estofo aos sucessores, cujo estoque de informações impedem e ou inibem a apreensão da variedade, da

multiplicidade, da diferença, em suma, caem na cegueira da confirmação de verdades científicas (GONDIM, 2007, p.14).

Relatos como estes é que deram ao contexto da Amazônia várias versões sobre a sua construção histórica ao longo do tempo, pois através das crônicas as visões foram sendo interpretadas de acordo com a mentalidade de quem a presenciava. Cada tema abordado dava ar de existência ao que se acreditava ter existido. Diz Gondim: “o espanto inicial foi mutuo, mas a primeira pegada fincada na areia marcou o encontro entre culturas e civilizações distintas e o extermínio quase total dos nativos pelas armas, doenças e escravidão” (2007 p.21). O que não é de se estranhar o despovoamento da Amazônia ao passar pelo processo de colonização, fatores estes que explicam a verdadeira extinção desses povos que desapareceram bruscamente após o contato com os europeus:

Um outro aspecto certamente digno da atenção de toda investigação desenvolvimento da história das ideias sobre a Amazônia é que esse processo tem envolvido uma gama bastante diferenciada de campos da ciência e do pensamento, mas tem se concentrado de forma especial em áreas como a da história natural, da geografia, da antropologia (PINTO, 2012, p. 13).

A Amazônia se colocava como palco de disputas, sobretudo de Portugal e Espanha. O que envolvia a região sobre esta questão foi o entendimento de um Novo Mundo descoberto, isto despertou maiores interesse aos reinos Castelhana e Lusitano. Para entendermos o contexto literário sobre a Amazônia, deve ser compreendido como foi construído esses conhecimentos, neste com base nas discussões teóricas do conhecimento europeu. A imaginação de encontrar o El Dorado e o País da Canela, fez surgir fantasias que despertaram nos aventureiros, alvoroços de encontra riquezas, fabulosas, cada vez mais vontade de explorar a região. São estas imaginações européias que vão dando a construção da história da Amazônia como um mundo mítico e fabuloso. “A historiografia literária revela que, no plano ficcional, vários autores no Ocidente, a partir de Homero, com a Odisseia, se dedicaram a usar as viagens como tema”, “Os viajantes estrangeiros foram movidos pela curiosidade e o gosto pela aventura, mesclados às notícias fantasiosas que chegavam a Europa sobre o espaço recém-descoberto” (NEVES, 2011, p.63). Estes temas são referentes as obras do conhecimento europeu em comparações as viagens feitas na Amazônia, por este motivo ocorreram muitas precipitações em

relação aos relatos e as crônicas. As primeiras expedições discutidas entre pesquisadores são as que foram relatadas a partir de 1499, neste caso a comandada por Vicente Pinzón, com interesses por parte da Espanha, logo após esta expedição muitas outras foram feitas pelos dois reinos tanto espanhol quanto portugueses, são destas viagens que foram registrados as informações sobre a Amazônia.

A imagem que produz do Novo Mundo, a partir de seus escritos, é fortemente marcada pela noção de que existe um condicionamento geográfico e climático que limita a plena evolução do Novo Mundo, aí incluídas vida animal, vegetal e humana (PINTO, 2012, p. 17-18).

Tais contribuições como deste cronista favoreceram na compreensão da geografia amazônica, quebrando as ideias fantasiosas. Esses episódios vêm sendo desconstruídos com o passar dos anos, na medida em que vão surgindo novos questionamentos sobre pesquisas voltadas para o mundo que existia na região antes do contato que levou ao declínio das populações indígenas. “Em relação a essa literatura, em seu conjunto, é a de que é necessário o trabalho de recuperação da obra integral de seus autores” (PINTO, 2012, p.21). Para trabalhar a literatura voltada sobre a região Amazônia são necessários organizar um elenco de autores e pesquisadores que se desdobraram a fazer interpretações de análises de documentos como as crônicas, cartas e relatos europeus. Cada um desses especialistas optaram por um tipo de abordagem cronológica, o que facilita esse tipo de pesquisa no caso documental e bibliográfica.

1.2 AS CRÔNICAS DOS VIAJANTES E OS AISUARES

Através destas crônicas podemos identificar a localização dos Aisuares geograficamente, devido os detalhes de suas narrativas. Por isto pode-se ter a localização deste povo. Nessa perspectiva, as narrativas de viagens à Amazônia são modelares, conforme afirma Euclides da Cunha, no preâmbulo de *Inferno Verde*: “A terra é ainda misteriosa” (NEVES, 2011, p. 29).

Depois de uma introdução sobre a geografia, fauna, flora e alguns costumes indígenas, em boa parte tomada de Rojas, descreve as principais províncias do Solimões: os Omágua, desde acima do Javari até abaixo do Jutai; os

Curuzirari ou Aisuari, desde o Juruá até Coari; os Yoriman, que os portugueses chamariam Solimões, entre o Coari e o Purus e os Carabayana, na região dos lagos de Manacapuru (PORRO, 1992, p. 13).

Essas narrativas é que facilitaram as análises de pesquisadores interessados em conhecer a vida desses povos da região, por mais que fosse difícil, é através delas que se pode aproximar-se de características específicas dessas etnias.

O relato de viagem de Samuel Fritz é o que pode ser considerado mais completo por suas descrições e por seu mapa muito bem detalhado. Através dele é possível identificar os povos étnicos da Amazônia no século XVII. A clareza dos detalhes que descrevem os rios e os povoados são extremamente importantes para que se conheça a localização desses povos que mesmo com as modificações de nomes podem ser identificados pelas características descritas em vários relatos. São praticamente os mesmos aspectos que aparecem dando a entender que mudaram de localização, de nome e se misturaram com outras etnias devido o processo de colonização.

O referencial teórico mas utilizado foi especificamente as análises de Antonio Porro em “As crônicas do Rio Amazonas”, que tem um estudo bem mais detalhada dessas crônicas durante esse processo. Atualmente este é o mais indicado para uma abordagem sobre o tema em questão envolvendo os povos da Amazônia.

Nas análises de Antonio Porro foram selecionadas as crônicas que pouco são conhecidas, e principalmente as cartas e diários dos expedicionários que fizeram parte das expedições na Amazônia. Basicamente um complementa o outro, mas em situações distintas onde viveram momentos bem diferentes nas aventuras que presenciaram. São destes documentos que visamos retirar aspectos sobre a província Machifaro que ficou mais conhecida como Aisuari, por ter sido este nome mais encontrados nos relatos.

Nas descrições de Carvajal, Machifaro foi encontrada aos doze dias do mês de maio de 1542. Segundo este cronista, este povo apareceram ao atacá-los sem que houvesse possibilidade de defesa. Aos mesmos a única opção foi aportar em um outro povoado (PORRO, 1992, p. 48). E em uma das cartas de Diogo Nunes é relatada a migração dos Tupis estes, percorreram praticamente todo o vale amazônico devido o processo de colonização. Nestas expedições são relatados os encontros com os “Carari ou Maricuri”. “A partir do extremo oriental de Machifaro, os cronistas da expedição deixam de dar, praticamente, qualquer contribuição para a

geografia e a etnografia do Amazonas” (PORRO, 1992, p. 82). Momentos assim são considerados como falhas que pudessem não contribuir para futuras análises da região, causados talvez por conflitos entres exploradores e os índios, o que pode justificar as fragmentações nas informações relatadas.

A partir da segunda metade do século XVII os relatos do Samuel Fritz da novas informações sobre a localização dos Aisuares ao serem encontrados em uma migração onde chegam até a missão de São Joaquim. Neste período estes povos já estavam sendo integrados ao regime de catequese, sendo assim o papel dos missionários fundamental para este serviço, seu trabalho era voltado para reunir os povos nas missões. Muitas vezes este padre não se contentava com resultados obtidos nesse processo, como descreve em seu diário: “seguiu novamente rio abaixo para trazer, se possível, os Yurimáguas e Aysuares que haviam ficado em suas antigas aldeias, para reuni-los com seus companheiros tribais mais acima” (PINTO, 2006, p. 163). Relatos discutidos desde as primeiras viagens europeias vão possibilitando a compreensão da existência dos povos da Amazônia, algumas expedições ocorreram por toda a dimensão do rio Amazonas.

Os relatos sobre os povos da Amazônia são tratados de várias dimensões, no decorrer dos séculos abordados, através das crônicas, são encontradas as características das etnias distintas, as descrições dos Aisuares, antes conhecidos por Província de Mchifaro. Esta é uma região especifica a ser abordada neste ponto. As evidências de sua existência foi claramente detalhado por cronistas das expedições de *Diogo Nunes*, em carta ao rei de Portugal D. João III, desde então muitas informações são frequentes sobre encontros entre europeus e povos étnicos. O ponto inicial para o desfecho de interesses que levaram cada vez mais a ocorrência de expedições para o reconhecimento da região. Os documentos dessas expedições foram praticamente “o nascimento da historia da Amazônia”, apesar de alguns terem sido ironicamente considerados fantasiosos como foram os relatos de Carvajal, um dos mais questionados por teóricos com interesses em discutir aspectos da existência dos povos da região.

CAPÍTULO II

O MODO DE VIDA DOS AISUARES SÉCULO XVI-XVII.

As histórias da vida dos povos indígenas do alto e médio Amazonas ficaram registradas nas crônicas de viagens desde os séculos antes dos XVI-XVII. A partir do século XVI, foram postos na Amazônia um regime de governo português que impôs a estes povos a utilização de uma língua específica que facilitasse a colonização da região. Este processo deu-se, deste de 1616-1850, onde ocorreu em várias etapas até que se oficializasse a língua portuguesa para os povos colonizados, onde praticamente poucos não foram afetados com esta hegemonia linguística. Entre os povos os Aisuares foram submetidos ao processo colonizador, a partir da catequese, com auxílio dos missionários que tiveram grande importância neste processo. Samuel Fritz foi um dos primeiros missionários a fazer contato com os povos Aisuare, catequizando-os. “Sua personalidade parece haver exercido um quase misterioso poder sobre esses bárbaros; e os Aysuares e Ybanomas que viviam ainda mais próximos da boca do Rio Negro, expressaram seu desejo de serem visitados por ele”. (EDMUNDSON, 2006, p. 148)

Esses testemunhos são de uma importância relevante para que assim possamos conhecer detalhes sobre as sociedades indígenas. Testemunhos gerados pela conquista Ibérica que ocorreram nos respectivos anos a partir das seguintes expedições: Expedição de Diogo Nunes e Alonso Mercadilho-1538; expedição de Orellana-1541-1542; expedição de Pedro de Ursua e Lope de Aguirre-1560-1561. Segundo estes viajantes, a província de “Machiparo” estava localizada sobre as duas margens do Solimões, descritas na crônica de Carvajal. Tempos depois Acuña, nesta mesma região denomina este povo de Aysuari ou Curuciari. Segundo estes cronistas, haviam de 20 a 24 casas comunais onde encontravam-se mais de quinhentas pessoas em cada aldeia. A expedição de Diogo Nunes e Mercadilho chegou a esta província a partir do ano de 1538:

Em 1538 chegou até a região de Tefé, onde os Aisuari constituíam a rica Província de Machiparo, amplamente referida pelos cronistas posteriores; em Machiparo ele encontrou um grupo numeroso de índios Tupinambá procedentes de Pernambuco e em plena migração rumo ao Peru, onde chegariam em 1549 (PORRO, 1995, p. 44).

Provavelmente dominantes da língua Tupi, pois é como eram identificados os grupos que faziam grandes migrações, principalmente por motivos da chegada dos europeus na região, a classificação linguística é especificamente para todos os povos que habitavam as margens do Rio Solimões neste período. Além desta província outros grupos linguísticos a ocupavam:

Os povos da língua Tupi ocupam uma posição simétrica aos Karib, ao sul do médio e baixo Amazonas: distribuem-se a leste do Madeira (Kawahib, Arikên, Tuparí, Tupinambarãna). (...) Tanto a linguística como as primeiras notícias históricas indicam que os grupos de língua Tupi se deslocaram em grandes migrações, as últimas em época posterior à chegada dos europeus (PORRO, 1995, p. 25).

A partir do século XVI até metade do XVII estas províncias já se encontravam em desintegração por força dos processos de colonização. Deste modo as características destes povos eram de localização sobre áreas das terras de várzea, onde encontravam melhores possibilidades para sua sobrevivência devido a facilidade de alimentos. Normalmente tinham organização social que obedeciam a determinado poder central a qual todos deveriam atender aos seus comandos, suas vestimentas praticamente não foram definidas pelos cronistas que relatam o uso de utensílios e enfeites até mesmo de animais, suas ferramentas como machados eram de pedras e ossos.

Carvajal descreve a religião dos povos Yurimágua e Aisuari que “acreditavam num personagem de poderes excepcionais, o *Guaricaya*, que assumia formas animais e humanas sempre aterrorizantes”. (PORRO, 1995, p.34). Os povos Aisuari tinham como ídolo o *Tururucari*, como ritual sacrificavam os prisioneiros de guerras. As semelhanças desses povos eram percebidas pelos viajantes, pois cada um relatou conforme suas visões o que encontraram na região, tudo era novo aos olhos dos expedicionários da época de descobertas da nova terra, estes aspectos são possível encontrar desde os primeiros relatos dos cronistas quinhentistas até nos dos anos mais próximos de nossa existência, e assim como o pesquisador Antonio Porro, pode-se dizer que essas mudanças ainda não terminaram, pois os processos de transformações vem se estendendo até os dias de hoje.

2.1. ORGANIZAÇÃO SOCIAL, AGRICULTURA E COMÉRCIO.

2.1.1 ORGANIZAÇÃO SOCIAL.

Durante uma larga escala de tempo não se compreendia as heranças deixadas dos povos indígenas. As características que se vê atualmente são traços das existências desses povos amazônicos, que por muitos anos foram sendo modificados em sua existência, com as culturas européias vindas para a Amazônia desde os séculos XV, quando houve as primeiras expedições sobre a região:

Em meados do século XVI a várzea amazônica surpreendera os primeiros viajantes com uma população numerosíssima, internamente estratificada e essentada em povoados extensos, produzindo excedente que alimentavam um significado comércio intertribal de produtos primários e manufaturados (PORRO, 1995, p. 38-39).

Consoante às informações do autor, são evidentes as organizações desses povos em relação comercial, o que vem mostrar uma organização social, grupos que circulavam para manter estáveis relações de comércio com outros povos da região. Passaram-se muitos anos desde o processo de colonização e tudo que restou foram alguns povos conservando “precarientemente” as suas culturas maternas. Passados os processos que levaram a extinção de boa parte dos povos indígenas, a colonização européia pode ser considerada uma potência de verdadeira degradação das populações indígenas por mais de dois séculos.

Para tentar resgatar aspectos da cultura dos povos da província de Machiparo (Aisuare), é um trabalho que se deve ter cautela, para não tomar posições precipitadas quanto as informações colhidas. Sendo este o ponto de maior fragilidade, a quantidade de informações, mesmo assim é possível conhecer aspectos da vida desses povos. “A organização sociopolítica dessas que os cronistas chamavam de Províncias era muito mais elaborada e internamente diferenciada do que o padrão etnológico da floresta tropical”. (PORRO, 1995, p. 39). Os debates sobre os Machifaro são restritas, praticamente pouco se sabe sobre as características desses povos. Especificamente pelo fato dos estudos sobre a colonização amazônica serem abrangentes, sempre são amplos nas classificações dos povos, o que dificulta obter mais detalhes sobre este povo, principalmente por sua história ter sido registrada em fases de experiências e momentos distintos por

vários cronistas, que relataram muitos aspectos em comum, mas que alguns ainda são referência de debate por obterem informações voltadas para o imaginário, algumas muito fantasiosas que não são bem vistas para o que se compreende ter existido na região naquele período. Primeiramente, estas informações foram registradas pelos espanhóis e, posteriormente, pelos portugueses. Ambos visavam interesses distintos com objetivo de obter poder sob a posse territorial da Amazônia, por estes fatos a região foi palco de disputa entre esses dois impérios.

As informações obtidas fornecem as características das organizações sociais e políticas desses povos, que eram organizados a um poder centralizado, voltadas para uma autoridade suprema, aos quais todos deviam obediência. Cada província tinha um representante que era considerado o rei deles, a qual todos deveriam obedecer. Cada rei tinha um nome específico que representava a província.

O senhor Aparia da aldeia de Aparia Grande que talvez deva ser lido de “Aparia o Grande”, nas proximidades de Letícia e Tabatinga, era reconhecido desde Aparia Menor “o Menor”, no baixo Napo, até a foz do Jandiatuba (São Paulo de Olivença), a Gran Omagua (...), governam-se por principais (...), a que todos obedecem em grandíssima sujeição e lhe chamam **Tururucari**, que quer dizer seu Deus e ele por tal se tem (PORRO, 1992, p. 17).

Pode-se perceber que as estruturas políticas e sociais das províncias já eram estabelecidas a uma determinada entidade divina a qual todos deviam obediências, talvez por este motivo que as resistências a colonização foram muito mais tensas, por tentarem quebrar as estruturas existentes entre os povos, que tinham autonomia política e social, não sendo predeterminadas por outros governos a não ser os de seus próprios. O deus citado acima era a divindade que todas as populações do Gran Omagua tinham como seu representante. Neste contexto é que se encaixa a relação religiosa da Província Machifaro / Aisuare, como já foi abordado no capítulo anterior. Não podemos dizer que eram povos incrédulos sem fé ou mesmo que não sabia distinguir uma divindade, pois estes povos tinham sua religião voltada para suas próprias crenças, distintas e não compreendidas aos olhos de admiradores que se jugavam superiores a hábitos e costumes divergentes aos seus. Cada povo mantinham organizações que pareciam extremamente espantosas para os colonizadores por não compreenderem as especificidades de suas culturas. Falar de organização social é complexo mas se tratando dos povos da Amazônia, pois se sabe que cada povo se distinguia pelos seus hábitos e costumes, por mais que

houvesse semelhança, cada um tinha seu próprio modo de viver. As evidências agrícolas são identificadas a partir das análises propostas pela antropologia, que vem ganhando espaço nas pesquisas que caracterizam as atividades dos grupos sociais e suas organizações. *Neves discute argumentos sobre cultura dos povos em relação a floresta, que podem descrever os padrões de organização econômica, social e política das populações indígenas da Amazônia. (1999-2000)*. Por este motivo a reconstrução da existência da Província de Machifaro, torna-se árdua e desgastante, por se tratar de fragmentos dispersos no contexto histórico. Reconstruir a história desse povo torna-se de fundamental importância, em saber que partes da história dos povos da Amazônia podem ser recuperadas, mesmo com divergências encontradas que dificultaram o andamento da análise de documentos específicos onde pudessem ser encontrados traços da existência desta Província. Para tanto é de muita gratificação fazer parte do elenco que buscou reconstruir a trajetória de vida da população desta Província até o século XVII, período da abordagem desta pesquisa.

2.1.2 AGRICULTURA E COMÉRCIO

Quanto a agricultura e o comércio, foram registrados aspectos deste vínculo nas crônicas como de Carvajal e as subsequentes, que descreveram as seguintes informações sobre a Província de Machifaro em relação a agricultura e o vínculo de comércio entre estes povos e os que com eles faziam fronteiras:

Devido à grande produtividade da agricultura, da caça e da pesca, e as técnicas de armazenamentos e conservação de alimentos que as populações da várzea desenvolveram (e que não se encontram na terra firme), esse ambiente natural podia sustentar uma população muito mais numerosa do que a terra firme (PORRO, 1995, p. 41).

Em meio as diversidades da natureza os povos encontram meios adaptativos para viverem de acordo com a geografia da região, formas de cultivos de plantas frutíferas que podem ser colhidas em curto período, para que fossem retiradas antes das grandes enchentes, sempre foram as especialidades desse povo. Articulavam plantações e outros mantimentos para toda a população da província, esses hábitos eram mais frequentes nos habitantes das áreas da várzea, diz Porro: “A invenção da agricultura pode ter sido o resultado do crescimento demográfico ou,

então, a sua causa, mas de qualquer forma levou à constituição de aldeias permanentes ou semipermanentes”(…). “Cada povoado mantinha enormes quantidades de tartarugas em viveiros cercados no próprio rio (caiçara) e em lagunas e lagunetas junto às casas” (Nunes (IN) PORRO, 1995, p. 15).

Neste ponto as informações nos reportam aos hábitos dos povos tanto no comércio quanto nos costumes de conservar alimentos, não somente para seu sustento, mais para manter uma rede comercial entre grupos próximos.

As relações de comércio eram descritas com muitos detalhes pelos cronistas quinhentistas e seiscentistas: “Traziam laminas de ouro do Içana, Urucu, raladores de mandioca, redes de miriti, cestos e tacapes “ que levam curiosamente”, e os forneciam aos Aisuari, Ibanoma e Yurimáguá” (PORRO, 1995, p. 33-34). Este relato foi feito por Samuel Fritz, quando passou pela região catequizando os índios, registrou esta relação de comércio, entre os Manaos e os povos citados acima.

Na segunda metade do século de XVII toda a região amazônica passava pelo processo de colonização. Este fato causou o confronto de muitas etnias diante do objetivo de colonização européia, desta forma não somente “A Província de Machifaro, Aisuares”, como certamente muitos povos que viviam nesta época passaram por este processo desde o início em que se deu a colonização de fato, sendo assim, foi este indicio que fez com que ocorresse a maior intensidade de misturas dos povos étnicos, mesmo que este hábito fosse comum entre alguns povos, mas o objetivo da colonização acelerou este processo. As descrições dos colonizadores sobre estes povos nos revelam as relações de comércio entre as etnias como também os hábitos de conservarem alimentos para sua sobrevivência, além do que eram lhes oferecido com a abundância da terra de várzea pelas proximidades com os grandes rios.

Há neste rio muito pescado de toda sorte como em Espanha, (por) que em cada povo chegam acham muitas casas cheias de pescados seco que eles levam a vender pelo sertão e têm suas contratações com outros índios (PORRO, 1992, p. 34).

Percebe-se no texto acima relações de trocas entre grupos indígenas que acabaram constituindo redes de trocas e vínculos de comércio, que é percebido nas descrições das crônicas de viagens devido os aspectos de trocas entre os povos da terra firme com os povos da várzea, é nesta área específica que se concentravam a maioria da população da região e onde era desenvolvido as práticas de agriculturas

e eram cultivadas plantações que eram de curta duração de tempo, pois estas áreas sofriam anualmente enchentes e vazantes, mas que possibilitava a cultura de determinadas plantas utilizadas pelos índios. Redes de comércio considerando a Província de Machifaro-Aisuare, segundo as crônicas havia um comércio intenso.

O peixe, moqueado e armazenado em edifícios próprios, “eles o levam a vender pelo sertão e têm suas contratações com outros índios; vão os caminhos muito abertos, de muito seguidos, porque corre muita gente por eles” (Nunes, (in). PORRO, 1995. P. 51).

Esta característica pode ser relacionada com o de vínculo de comércio e conservação de alimento deste povo, estes tinham relações comerciais com os povos fronteiriço a sua região, o que revela as redes de comércio através dos caminhos descrito por Diogo Nunes, em sua carta a D. Joao III. Por tanto esse povo já tinha suas relações entre se que caracteriza um forte vínculo de relações de trocas comerciais antes da colonização europeia.

Construir um cronograma que retrate sobre a agricultura e o vínculo de relações de comércio não é impossível, mais torna-se intenso, principalmente nas questões documentais, as quais quase não temos acesso, por várias questões, algumas são a própria limitação nas leituras dos documentos oficiais. Outra é que os documentos normalmente se encontram fora do estado do Amazonas, isto limita o acesso e torna difícil desenvolver pesquisas que contenha informações mais detalhadas. Essa é apenas uma pequena amostra do que foi possível recuperar, há muito mais pra reconstruir, que revele novos aspectos e características de povos como estes da Província de Machifaro-Aisuare

2.2. CONSERVAÇÃO DE ALIMENTOS

Estes povos assim como os demais existentes na Amazônia tinham hábitos muitos similares uns aos outros, haviam exceções, alguns não obtinham hábitos de conservar alimentos por estarem em constantes mudanças de locais. Isso era muito comum. Porém, em outros casos, a maioria se adaptava sobre questões climáticas e recorriam as possibilidades oferecidas pela natureza.

Tratando-se da alimentação e da agricultura eram percebidas em quase todos os povos. Alguns se restringiam por estarem sempre migrando de um lugar pra outro. Alguns desses hábitos ainda são fortemente visíveis nos povos da Amazônia atual, o que pode levar há possíveis comparações de terem herdado estes hábitos de seus antepassados.

Passados 12 dias do mês de maio de mil quinhentos e quarenta e dois, chegamos às povoações da província de Machiparo, da qual trazíamos notícias desde Aparia o Grande; e também vínhamos informados de outro senhorio que se diz Homaga que faz fronteira com a terra deste Machiparo.(PORRO, 1992, p. 48).

“Os habitante de Machiparo ficaram conhecidos como “Curuziari ou Aisuari” (PORRO. 1992.p, 15). Segundo o autor isto ocorreu em meados do sec. XVII, quando haviam se expandido até a foz do Japurá, neste contexto podem ser identificados os hábitos de conservação de alimentos destes povos. “Os mantimentos desta terra é o mais, que aqui se chama milho, e caçabe (acaçaby, beiju), que serve de pão, e disto há muita quantidade”. (PORRO, 1992, p. 15). Estas informações comprovam-se nos registros feitos por Diogo Nunes, quando passou por esta província e relatou este fato na carta enviada ao rei de Portugal, como já foi abordado acima. Segundo Diogo Nunes:

De mantimentos desta terra é mais que cá se chama milho e acacaby que serve por pão e disto há muita quantidade há neste rio muito pescado de toda a sorte como em Espanha que cada povo que chegam acham cheias de pescado seco que eles levam a vender pelo sertão e têm suas contratações com outros índios vão caminhos muito abertos de muitos seguidos porque corre muita gente por eles (1538).

Em virtude dessas descrições, é através dos relatos da crônicas que há uma determinada quantidade de informações a respeito desse tipo de habito dos

indígenas em conservar alimentos para seu mantimento diário, além do que a própria natureza oferecia, segue Diogo Nunes: “Há carnes monteses nesta terra veados, antas, porcos, monteses patos e outras caças muitas tive noticia que até o Rio da Prata nestas partes pode haver porque onde há ovelhas há tudo o mais em abundância” (1538).

Em cada crônica percebem-se semelhanças de hábitos de conservação de alimentos dos povos da Província Machifaro. Em outra crônica diz Ursua, já nos anos de 1560, período da união Ibérica:

Havia nesse povoado, (...), mais de seis mil tartarugas grandes, os índios mantem para comer encerradas numas lagunetas feitas artificialmente (unas lagunetas que teniam hechas de mano). Encontrou-se grande quantidade de milho guardado nas cabanas, e no campo havia sementeiras de mandioca brava e outras comidas (1560).

Segue as discussões sobre a conservação de alimentos com bases nestas fontes que foram possíveis selecionar ao decorrer da pesquisa.

As informações precisas sobre a conservação de alimentos dos povos da Província de Machifaro, são extremamente limitadas, pois não há uma fonte específica que descreva esta prática. Por tanto as peculiaridades e divergências encontradas nas informações são apenas o primeiro passo para reconstruir esse processo, o que não é tão fácil colocar todas as notas de informações por se tratar de informações muito gerais, que aborda praticamente ser um costume comum dos povos da Amazônia e especificamente dos habitantes das áreas de várzea.

Essas são informações precisas de que o ambiente fornecia sustentabilidade a povos que habitavam as várzea amazônicas, tornando pontos estratégicos de escolhas para cultivos de plantações e por facilitar a procura de alimentos trazidos pelos rios. Além dos registros que descrevem os hábitos, a cultura e a conservação de alimentos, este fatos ficam mais evidente com as comprovações da existências desses povos. Através de pesquisas como: a Antropologia, A Etnografia, a Arqueologia, a Etno-História e a História. Essas disciplinas nos ajudam a reconstruir os passos da vida dos habitantes da Amazônia, através de vestígios deixados em áreas que habitavam por determinados períodos. São os casos de sítios arqueológicos, encontrados ao logo de quase toda margem dos rios da Amazônia.

Sendo assim a arqueologia é importantíssima para ajudar a descobrir hábitos alimentares dos povos que existiram na Amazônia e, deixaram rastros de sua existência. Por mas que não tenham deixado documentos que comprove a autenticidade de suas existências, essas e outras trajetórias de vida podem ser reconstruídas a partir da análise e pesquisa do tipo, pondo ênfase de caráter analítico que possam desvendar os mistérios e as descrições das crônicas dos viajantes europeus, não somente estas como também outras que continuam ocultas aos nossos conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou identificar e caracterizar aspectos da Província de Machifaro-Aisuari através da análise as crônicas dos viajantes europeus do século XVI-XVII, juntamente com os autores selecionados que serviram de base teórica para a pesquisa. Esses passos são apenas o início para futuras discussões que possam ser mais profundas referentes a existência desses povos, sendo que fica aberto as questões permeáveis que possam ser possíveis a novas análises e debates. O contato com estes documentos, despertou-me a curiosidade de conhecer e discutir as visões descritas pelos europeus nas crônicas de viagem, ao longo do percurso ao surgir novas informações pude perceber que quão importante é, refletir sobre as ideias que despertaram interesses pela conquista da região amazônica, para isso, os autores selecionados foram fundamentais para o apoio teórico e as divergências encontradas no andamento da pesquisa. Não cansarei de agradecer a todos que contribuíram direto ou indiretamente no decorrer da construção das argumentações. Para chegar a este resultado foram necessários análises comparativas das informações colhidas das crônicas com as dos autores que abordaram aspectos referente ao tema. Essas discussões não param e não se pode dizer que as populações indígenas foram vítimas e sim participantes do processo de colonização, pois ao logo da construção dos conhecimentos sobre esses povos.

Esperando ter desconstruído alguns estereótipos e quebrando preconceitos que foram construídos juntamente com a história da Amazônia, através das visões dos europeus, assim a finalidade da pesquisa é propor reescrever novos rumos, tirando esses povos da marginalização e dando a eles sua “verdadeira” locação, tornando-os centro de discussões e colocando-os como atores ativos de suas histórias, onde: *“passado, presente e futuro são instancias distintas e que não se tocam, existem na distancia e vivem separadas”* (PARADA, 2014, p. 234).

REFEÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 9ª Ed. São Paulo: editora Atlas, 2007.

CAMINHA, Pero; GANDAVO, Pero de Magalhães; ANCHIETA, José. **Origens – Quinhentismo**. Manaus: Editora Valer, 2010.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Os Métodos da história**. Rio de Janeiro: edições Graal. 1983.

_____ **América Pré-Colombiana**. Ed Brasiliense. São Paulo. 1996.

COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (org). **Literatura e história**-identidades e fronteiras. Uberlândia, EDUFU, 2006.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicação das Normas da ABNT**. 17.ed. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2015.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2ª edição. Manaus: editora Valer, 2007.
HOLANDA, Yomarley Lopes. **Um “Quase Santo” entre infiéis: Samuel Fritz e um surto messiânico na Amazônia Colonial**. Somanlu, 2010.

HOBSBAWN, Eric J. **Sobre história**. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito Antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

_____. **O Velho e o Novo na Arqueologia Amazônica.** Revista USP, São Paulo, 1999.

NEVES, Auricléia Oliveira das. **A Amazônia na Visão dos viajantes dos séculos XVI e XVII.** Manaus: Editora Valer, 2011.

REIS, Arthur César Ferreira. **Mosaicos do Amazonas.** Manaus. EUB. 1966.

SANTOS, Francisco Jorge dos Santos. **Além da conquista:** guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina. 2.ed. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas, 2002.

_____. **História do Amazonas.** 1ª Série Ensino Médio. 1.ed. Rio de Janeiro. MEMVAVMEM, 2010.

SOUZA, Augusto Cabrolié. **Síntese da história de Tefé.** Manaus, 1984.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia.** Manaus: Editora Valer, 2009.

SCHWARCZ, Lilia K; GOMES; Nilma Lima (org). **Antropologia e História – embates em região de fronteira.** Belo Horizonte: autêntica, 2000.

PESSOA, Protásio Lopes. **A Missão de Santa Teresa D'Ávila dos Tupebas.** Manaus: Editora Novo Tempo, 2004.

PINTO, Renan Freitas. **Amazônia- Viagem das Ideias.** 3ª edição. Manaus: Editora Valer, 2012.

_____. **O Diário do Padre Samuel Fritz.** Manaus. Editora da Universidade do Amazonas; Faculdade de Salesiana Dom Bosco 2006.

PORRO, Antonio. **As crônicas do Rio Amazonas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

_____. **O Povo das águas:** ensaios de etno-história amazônica. RJ: Vozes, 1995.

FONTES:

Revista do Instituto histórico e geográfico do Pará, 1934.

Pesquisa na Biblioteca Municipal do Amazonas – Manaus.